

O mar. Distância, medo ou oportunidade?



Catarina Carvalho Diretora executiva catarina.carvalho@controlinveste.pt

Sempre achei estranho como, nos Açores, as terras vivem de costas viradas para o mar. Não estou a falar das pessoas. Estou a falar das próprias terras. É claro que as terras são feitas – construídas e não só – pelas pessoas. Mas quando as suas escolhas e decisões se sedimentam em terras já se pode dar-lhes um sentido mais lato, não apenas individual mas histórico... ou sociológico, ou antropológico. Como queiram. Nos Açores, pelo menos nas ilhas que conheço e a que as minhas raízes familiares me levaram, sobretudo em São Miguel, as povoações organizaram-se, de origem, todas de costas para o mar. Esplanadas são um assunto recente – a maior parte delas acabam simplesmente a ser frequentadas por turistas. E apartamentos com vista são uma raridade.

Para as igrejas há desculpa: a orientação tradicional é no eixo leste-oeste com o altar-mor orientado para nascente, ou seja, virado para Jerusalém. Para as casas esta explicação não funciona, e muitas delas viram para o mar as suas paredes de fundo, cozinhas, quintais ou outras zonas menos nobres. E não são raras as que têm a separá-las dele altos muros de cal e basalto. As ruas são construídas para dentro. E os largos principais raramente têm vista. Por vezes, a única nesga de mar que pode ser decentemente apreciado é aquele para o qual se abre o porto de abrigo – isto porque muitas das zonas ribeirinhas são relegadas para as classes mais desfavorecidas, as únicas que ainda vivem diretamente do mar, ou seja, dessa forma de purgatório que o mar representa que é a pesca. E que pode transformar-se tanto em paraíso como em inferno, basta que mude

o vento de calmaria em tempestade. O calhau – no sentido de rocha ao pé do mar – é palavra que, nos Açores, traz desdém associado. E poucos devem conhecer uma das mais belas vistas de São Miguel, que fica no famoso Bairro do Caranguejo, em Rabo de Peixe, uma das freguesias mais pobres da Europa.

O mar que rodeia as ilhas é também o mesmo que as aparta do mundo. E se esta pode parecer uma ideia abstrata, dita assim, de forma quase poética, dói fundo quando se associa o seu significado à emigração, à distância e à saudade. Não há um açoriano que não tenha essa distância a correr nas veias familiares – se não nesta geração, que aproveitou a enorme evolução económica das ilhas pós-25 de Abril, pelo menos na anterior. E isso marca as pessoas, as casas, as povoações.

Mas, nos Açores como em qualquer região de ilhas, ou ribeirinha, além de distância, o mar é também banalidade. Para os açorianos em particular, e para os portugueses em geral. E nós tratamo-lo com a indiferença que damos, normalmente, às coisas que tomamos por garantidas. É por isso difícil a transição essencial que falta fazer em Portugal de devolver ao mar o papel que ele já teve, há quinhentos anos, de oportunidade. Falta muito trabalho de *marketing*, do mais difícil que há de fazer, que é o de mudar mentalidades. Para que o mar seja, como foi nesses anos dourados das Descobertas, a nossa extensão natural. E para que, como nesses tempos, nos aumente a riqueza e nos ajude nesta época difícil. ●